



TradeMap

e-Ebook

Onde investir em **2022**

Por Silvia Rosa,
da **Agência TradeMap**



Onde investir em 2022

Depois de um ano ainda dominado pelas notícias da pandemia e pela retomada mais lenta que a desejada da economia global, o investidor brasileiro se depara com uma série de incertezas para 2022.

Não bastassem as preocupações com a nova variante Ômicron, que já tem provocado certo estrago nos mercados, o novo ano reserva eleições presidenciais, aumento de juros aqui e no exterior, com notório destaque para os Estados Unidos, um ambiente fiscal doméstico mais fragilizado e uma liquidez global menos abundante.

Se o investidor já teve que respirar fundo para encarar o risco de Bolsa em 2021, terá que buscar nova dose de paciência para encontrar boas oportunidades na renda variável em 2022, aqui e no exterior.

Já na renda fixa, a história é outra. Com a taxa básica de juros brasileira voltando ao patamar de dois dígitos, quem tem o foco mais no longo prazo tem aproveitado para travar retornos polpudos, seja via papéis prefixados, que embutem maior risco, ou pós-fixados, indexados ou não à inflação.

Se o otimismo dominou a cena no início de 2021, depois da temporada agitada pela Covid-19, gestores, analistas e alocadores de recursos que conversaram com a **Agência TradeMap** têm preferido adotar maior cautela na virada de ano, especialmente diante da incerteza de um cenário eleitoral à frente.

Vulnerabilidade brasileira: hora de ficar (ainda) mais seletivo

O ano de 2022 deve ser mais um período pouco favorável para mercados emergentes. Com o banco central dos Estados Unidos, Federal Reserve, reduzindo os estímulos e se preparando para subir a taxa básica de juros, o apetite por ativos de risco tende a diminuir, com os investidores devendo ficar mais seletivos.

O Brasil entra nesse cenário com várias vulnerabilidades, com crescimento econômico próximo a zero em 2022, inflação e Selic em alta e incertezas no cenário político e fiscal.

A notícia positiva é que boa parte desse cenário negativo já parece estar refletido nos preços dos ativos brasileiros, com a bolsa negociando no menor múltiplo dos últimos 20 anos e a taxa de câmbio real, na máxima histórica.



"O risco na Bolsa hoje é o de melhorar", diz Marcelo Giufrida, sócio e CEO da Garde Asset Management.

Investir nesse cenário de maior volatilidade requer paciência e maior seletividade dos investidores para encontrar boas oportunidades de investimento.

Após bater sucessivos recordes de alta em 2021, as bolsas americanas estão negociando a múltiplos elevados, mas ainda há setores que ficaram para trás e que podem apresentar boas oportunidades.

No Brasil, apesar do risco no cenário político, é possível encontrar papéis que oferecem interessante potencial de retorno em setores mais defensivos e menos dependentes do crescimento da economia brasileira.

Confira a seguir as recomendações de gestores e analistas para investir em 2022.

Setor financeiro e exportadoras são preferência na bolsa brasileira

Após o Ibovespa amargar uma das piores performances entre os mercados de ações globais em 2021, especialistas acreditam que boa parte do cenário negativo, de um ano de eleições mais polarizadas e baixo crescimento econômico, já está refletido nos preços dos ativos.

O gatilho para uma mudança de humor dos investidores que promova uma alta consistente da bolsa, no entanto, vai depender essencialmente do cenário eleitoral.

"Um candidato com uma agenda econômica liberal e ortodoxa ou um candidato de esquerda mais moderado, que não rasgue a cartilha da política monetária e fiscal, poderia ser um gatilho de alta para a bolsa e para o real, mas hoje não conseguimos enxergar isso", afirma Marcelo Mello, vice-presidente de Investimentos, Vida e Previdência da SulAmérica.

Uma surpresa positiva do lado das reformas, como a aprovação da administrativa ou da tributária, assim como as privatizações da Eletrobras e dos Correios, poderiam igualmente animar os mercados e contribuir para o desempenho positivo dos ativos brasileiros, afirma Giufrida, da Garde. Mas as chances de isso acontecer em um cenário eleitoral são menores.

Por isso, o CEO da Garde ainda vê riscos para o quadro fiscal, com o governo podendo adotar medidas populistas do lado da arrecadação, como isenções na tabela de impostos, para ganhar apoio político.



Nesse cenário, gestores e analistas têm preferido papéis mais defensivos e menos expostos à economia brasileira, como de empresas exportadoras, de serviços públicos e de setores que apresentam boa perspectiva de longo prazo, como saúde.

O Bank of America (BofA) vê as ações do setor financeiro, de empresas com atuação global e voltadas para o consumo de alta renda como as mais interessantes na bolsa.

No segmento financeiro, a preferência do BofA recai sobre papéis do Itaú Unibanco (ITUB4) e do Bradesco (BBDC4), dada a provada resiliência dos balanços das instituições e do valuation atrativo dos papéis.

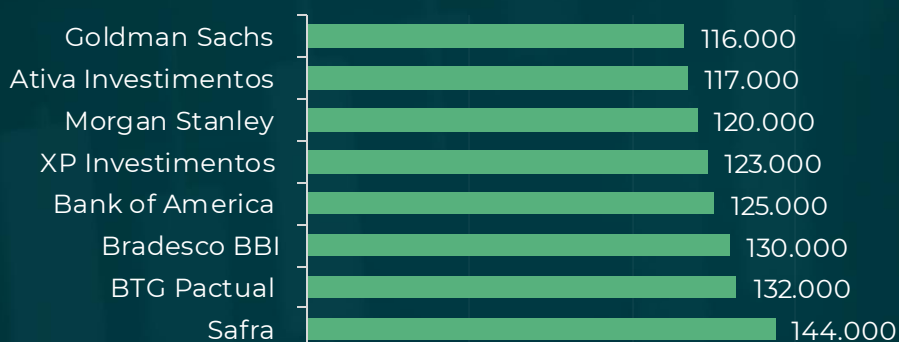
“Embora o cenário macroeconômico seja desafiador, esperamos que o setor apresente crescimento de lucro de quase dois dígitos [10%]”, destacou o banco, em relatório.

O BofA também vê potencial de alta para as ações das seguradoras BB Seguridade (BBSE3) e Caixa Seguridade (CXSE3).

No setor de varejo, o foco do banco está em papéis de varejistas e shoppings voltados para o público de alto padrão, cujas receitas já estão acima dos níveis de 2019. “Em nosso portfólio gostamos de Renner (LREN3), Soma (SOMA3) e Multiplan (MULT3).”

Levantamento feito pela **Agência TradeMap** mostra que o Ibovespa, o principal referencial da Bolsa brasileira, tem potencial para subir até 36,5% em 2022, considerando o fechamento do último dia 21 de dezembro. O consenso de oito bancos e corretoras varia de 116 mil a 144 mil pontos.

Previsões para o Ibovespa em 2022



Fontes: Bancos e corretoras



Hora de ligar o alerta defensivo

O Morgan Stanley, por sua vez, tem visão positiva para ações de crescimento secular no Brasil, commodities e papéis defensivos.

As preferências estão em exportadoras como Vale (VALE3), Gerdau (GGBR4), Petrobras (via ADRs) e Minerva Foods (BEEF3). O banco também vê boas oportunidades em papéis de empresas de crescimento, como a XP, e de setores mais defensivos, como Rumo (RAIL3), da concessionária de rodovias CCR (CCRO3) e da distribuidora de energia Energisa (ENGI11).

A Itaú Asset também está focando em 2022 em empresas menos expostas à economia brasileira, como Rumo (RAIL3) e Suzano (SUZB3), e em setores defensivos como serviços públicos (*utilities*) e saúde. A gestora ainda mantém uma visão positiva para petróleo no universo de commodities.

A visão mais defensiva também tem norteado as escolhas da gestora AZ Quest, com nomes de energia na carteira, como Equatorial (EQTL3) e Cesp (CESP3), exportadoras como Embraer (EMBR3), e companhias de papel e celulose como Suzano (SUZB3).

A gestora ainda vê potencial de alta nos papéis da Localiza (RENT3), que teve a fusão com a Unidas (LCMA3) recentemente aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). Segundo Walter Maciel, CEO da AZ Quest, a transação pode aumentar o poder de barganha da empresa, com possibilidade de repasse do aumento de custo para o aluguel dos carros.

Já a alta da taxa de juros e o crescimento mais fraco do país devem continuar a refletir sobre ações dos setores de varejo e consumo. “A taxa de desemprego alta e o crédito mais caro vão afetar principalmente o consumo discricionário”, diz Sandra Blanco, estrategista-chefe da Órama.

A casa espera alta do Ibovespa para 130 mil pontos em 2022. Entre os setores com melhores oportunidades, a estrategista da Órama destaca o de materiais básicos e o de commodities, como mineradoras e siderúrgicas, cujos preços caíram muito com a queda recente do preço do minério de ferro. “São setores que devem se beneficiar da reabertura da economia”, diz.



Bolsas europeias e asiáticas mais atrativas que americanas?

Após sucessivos recordes de alta das bolsas americanas, que negociam perto da máxima históricas, investidores também terão que ser mais seletivos para encontrar boas oportunidades na cena externa.

Nesse cenário, o CEO da Garde vê mais oportunidades nas bolsas europeias que nas americanas. "Estamos neutros em Estados Unidos", diz Giufrida.

Já a casa de análise OhmResearch vê maior oportunidade nos mercados de ações da China, Rússia e Europa.

"Lá fora, a melhor oportunidade no mundo hoje é na China, cujo mercado de ações está no nível mais baixo em termos de valuation, em relação às ações nos EUA, desde que a China entrou para a Organização Mundial do Comércio", diz Roberto Attuch Jr., fundador e CEO da OhmResearch.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê um crescimento de 5,6% para a China em 2022, uma desaceleração em relação à expansão de 8% esperada pela organização para 2021.

Para Attuch Jr., o evento com a Evergrande foi apenas uma correção do mercado imobiliário chinês, sem representar um risco sistêmico.

Após o aumento das regulações do governo chinês sobre setores como o imobiliário e os de tecnologia e educação, os principais líderes do Partido Comunista Chinês enfatizaram a estabilidade como umas das prioridades para 2022.

"O que a China quer é direcionar o capital humano para a produção de chips, tecnologia 5G, e menos para as mídias sociais e games", diz Attuch Jr., que recomenda a exposição a esse mercado via fundos listados em bolsa (ETFs, sigla para Exchange-Traded Funds) ou BDRs (Brazilian Depositary Receipts), que são recibos de ações de empresas chinesas listadas lá fora e negociados na B3.

Na B3, o investidor encontra ETFs que seguem índices das bolsas chinesas como o XINA11, que replica o MSCI China, o ASIA11, que segue o índice MSCI Ásia excluindo Japão, além de BDRs de empresas chinesas como Alibaba (BABA34), considerada a Amazon chinesa, ou Baidu (BIDU34), o "Google chinês".

Para Attuch Jr., apesar do nervosismo recente nos mercados com o surgimento da variante Ômicron, ela não deve interromper o processo de retomada da economia, uma vez que tem se mostrado mais contagiosa, mas menos letal.



Setor financeiro deve se beneficiar da alta de juros nos EUA

Apesar dos múltiplos altos das bolsas americanas, o CEO da OhmResearch ainda vê oportunidade no setor financeiro nos Estados Unidos, que deve se beneficiar do cenário de alta de juros.

Já o vice-presidente da SulAmérica enxerga potencial de retorno nos papéis de setores cíclicos, que ficaram para trás em 2021 em termos de desempenho. “As ações de tecnologia já subiram muito e, talvez, este não seja o melhor momento de entrar”, diz Mello.

Apesar da forte alta das ações do setor de tecnologia, o CEO da Garde ainda vê oportunidade de investimento nas big techs americanas, mas prefere evitar empresas que consumam muito caixa, que são mais vulneráveis à alta dos juros no ano que vem.

Na visão do CEO da AZ Quest, os três aumentos da taxa básica sinalizados pelo Fed para o ano que vem já estão refletidos nos preços dos ativos. A gestora não espera uma surpresa maior do lado da inflação, a ponto de levar a autoridade monetária americana a mudar a rota.

Maciel avalia que as pressões na inflação são reflexos das consequências da pandemia, que gerou um desequilíbrio da oferta global e obrigou governos a adotarem medidas de estímulo que ajudaram a aumentar a renda, mas que estão sendo revertidas.

Para a estrategista da Órama, a alocação em ativos no exterior veio para ficar e deve compor parte dos portfólios dos brasileiros como forma de diversificação do risco-Brasil.

A Órama recomenda uma exposição a ativos estrangeiros via fundos, ações ou ETFs de 5% nas carteiras de investidores com perfil moderado e 10% para aqueles de perfil arrojado, com exposição à variação cambial.

Já para as alocações em fundos multimercados de crédito global, a estrategista recomenda ter uma exposição com hedge cambial.



A renda fixa voltou

Com a taxa Selic devendo prestes a atingir os dois dígitos, as aplicações em renda fixa tendem a continuar a concentrar o fluxo de recursos de investidores.

Analistas e gestores consultados pela Agência TradeMap esperam uma taxa Selic entre 11% e 12% em 2022 para o Banco Central buscar a convergência das expectativas de inflação para a meta.

Nesse cenário, títulos do Tesouro com retornos prefixados e atrelados à inflação (Tesouro IPCA+) oferecem prêmios interessantes e devem ter boa performance no próximo ano, afirma Mello, da SulAmérica.

Por serem mais vulneráveis em momentos de volatilidade, Mello recomenda a exposição a papéis com prazos mais curtos.

Fundos que investem em papéis de crédito privado também devem ser boas apostas para o próximo ano, na opinião do CEO da AZ Quest. “Os papéis emitidos por empresas com alta qualidade de crédito estão pagando prêmios superiores aos níveis de 2020”, diz Maciel.

Ter uma parcela em fundos multimercados, que podem aplicar em qualquer tipo de ativo, também será interessante para aproveitar as oportunidades na bolsa e no mercado de renda fixa, na opinião dos gestores.

Os multimercados sofreram em 2021 com o aumento da inflação e a queda da bolsa, e muitas categorias não conseguiram bater o retorno do CDI. “O que pegou foi a alta da inflação, que tira o poder de compra”, assinala o CEO da AZ Quest.

O aumento do diferencial da taxa de juros no Brasil e no exterior pode facilitar o crescimento dos fluxos de recursos de investidores estrangeiros para a renda fixa no Brasil e promover a valorização do câmbio.

A Órama espera uma taxa de câmbio, em média, entre R\$ 5,50 e R\$ 5,70 no ano que vem.



Fundos imobiliários: oportunidade para renda, em cenário ainda de pressão

Fundos imobiliários listados em bolsa têm sofrido com a alta da taxa Selic, que favorece a migração dos investimentos para a renda fixa.

Esse contexto não deve mudar em 2022, pelo contrário, mas, dada a queda do preço das cotas dos fundos, que negociam em boa parte abaixo do valor patrimonial, o investidor pode ter uma boa oportunidade de compra para o médio e o longo prazo, diz Blanco, da Órama.

A posição da casa atual, contudo, é neutra, sem o vislumbre de retornos atrativos com a taxa de juros ainda em patamar elevado.

Na escolha por segmentos, fundos de recebíveis devem continuar a distribuir bons dividendos, uma vez que investem em papéis atrelados ao CDI e à inflação.

Já os fundos de tijolos, como lajes corporativas, galpões e shopping centers são oportunidades mais para médio e longo prazos. “As cotas dos fundos de lajes corporativas e shoppings foram muito penalizadas na pandemia e ainda vai levar um tempo para vermos resultado”, diz a estrategista.

O sócio da RBR Asset, Bruno Nardo, também acredita que os fundos imobiliários de papel vão seguir performando muito bem em 2022, já que investem em títulos atrelados ao CDI ou índices de inflação.

“Essa classe de ativos vai continuar pagando bons dividendos, mas não esperamos que os valores exorbitantes que vimos em 2021 com o IGP-M em alta se repitam”, diz.

O sócio da RBR também vê boas oportunidades em FIIs que investem em lajes corporativas. “Fundos que investem em escritórios bem localizados vão continuar a ter seu espaço.”



Criptomoedas ligadas a contratos inteligentes e NFTs são promissoras

O universo de investimentos atrelados a criptomoedas no Brasil tem se sofisticado, com o surgimento de fundos que vão muito além do bitcoin.

Para 2022, analistas e gestores veem as criptomoedas atreladas a plataformas de contratos inteligentes (*smart contracts*) entre as mais promissoras.

A mais famosa delas, a ether (ETH), da rede Ethereum, a segunda maior em valor de mercado, subiu mais de 400% em 2021, cerca de seis vezes acima do bitcoin.

Os *smart contracts* são sistemas de contratos utilizados para executar transações automaticamente, sem a necessidade da intermediação de um terceiro. Eles podem ser usados para transações como empréstimos, ou para a criação de artigos colecionáveis conhecidos como NFTs (*non-fungible token*, ou tokens não fungíveis). Esses tokens funcionam como um certificado digital de propriedade, que nada mais é que um código de computador que fica armazenado em uma rede de *blockchain* como a *Ethereum*.

“Temos um peso maior em ether, que junto com o bitcoin representa 50% da nossa carteira recomendada de criptomoedas”, afirma Vinicius Bazan, analista de criptomoedas da Empiricus.

O analista também vê oportunidades em outras moedas ligadas a *smart contracts*, como a Solana (SOL). “A Solana resolve uma das coisas que a rede Ethereum não consegue, que é a escala, e tem uma aplicação legal para jogos”, diz Bazan.

Já há no mercado alguns fundos dedicados a esses criptoativos, como o Coin Smart, da Vitreo, voltado ao público geral, que investe 20% em ativos de *smart contracts* e 80% em diferentes ETFs de criptoativos. O Cripto Smart, por sua vez, é voltado para investidores qualificados, e investe em uma cesta de ativos ligados a contratos inteligentes.

Já a Hashdex e a QR Asset lançaram os ETFs ETHE11 e o QETH11 na B3, dedicados a rede Ethereum.

Como esses ativos costumam ter uma volatilidade alta, maior que a de ações em bolsa, o ideal é o investidor ter apenas uma pequena parcela do patrimônio nesse risco, de até 5%. Assim ele consegue adicionar um retorno potencial relevante sem ter grandes perdas no portfólio, diz o analista da Empiricus.



As criptomoedas, assim como outros ativos de risco, passaram por uma correção no fim de 2021 puxada pelos investidores institucionais, diante da perspectiva de aumento da taxa de juros nos Estados Unidos.

Para o gestor de portfólio da Hashdex, João Marco Braga da Cunha, esse movimento já está “razoavelmente” incorporado nos preços. “Acho que boa parte já está precificada, não se deve esperar um impacto significativo sobre preço”, diz.

Já se o bitcoin vai atingir a tão esperada marca de US\$ 100 mil, primeiro será necessário à criptomoeda escapar da zona de *bear market*. “Precisamos ver o bitcoin abaixo de US\$ 40 mil para falar de uma zona mais profunda de correção. Já para consolidar o *bull market*, ele precisa ficar acima de US\$ 52 mil, US\$ 53 mil”, diz Bazan.

COMECE O ANO
com o pé direito!



Aproveite o especial de
fim do ano do TradeMap:



Funcionalidades
Prime

+



+ 20 carteiras
recomendadas
para escolher

+



Treinamento
sobre o TradeMap

Por apenas:

R\$ **40**/mês



QUERO APROVEITAR AGORA



TradeMap